

Informe Macroeconômico

30/10 a 03/11/2023 - Ano 3 | Nº 117



Destaques

- Indústria do Rio Grande do Norte mantém liderança nacional:** A indústria da área de atuação do BNB, com disponibilidade de dados para 7 estados, registrou crescimento em 4 deles, na taxa acumulada de janeiro a agosto de 2023, com destaque para o Rio Grande do Norte (14,3%). Também avançaram: Espírito Santo (6,8%), Minas Gerais (4,4%), e Pernambuco (0,6%). Os dados são da pesquisa industrial mensal do IBGE.
- Paraíba (+19,1%), Alagoas (+56,3 %) e Sergipe (+92,1%) registraram crescimento nas exportações no período janeiro a setembro/23:** Paraíba (+19,1%), Alagoas (+56,3 %) e Sergipe (+92,1%) foram os únicos estados nordestinos que registraram crescimento nas exportações. Pelo lado das importações, somente Piauí (+104,8%) e Rio Grande do Norte (+62,3 %) apresentaram incremento nas aquisições externas.
- FMI projeta desaceleração do crescimento econômico mundial:** Apesar do cenário desafiador causada pela guerra entre Rússia e Ucrânia e o aperto sem precedentes das condições monetárias globais para combater a inflação elevada em décadas, a economia global abrandou, mas não estagnou. O crescimento global ainda permanece lento e desigual, apresentando divergências entre as regiões. Para 2023, o FMI prevê que o crescimento global deverá reduzir de 3,5 por cento em 2022 para 3,0 por cento em 2023 e 2,9 por cento em 2024.
- Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauí foram os maiores geradores de emprego no segmento MPE no Nordeste no acumulado de 2023:** As Micro e pequenas empresas foram responsáveis pela formação 179.041 postos de trabalho com carteira assinada no Nordeste, no acumulado de janeiro a agosto de 2023. O segmento das Micro e Pequenas empresas no Nordeste registrou saldo de empregos positivo em todos os Estados da Região, com destaque para Bahia (+47.715), Ceará (+30.262), Pernambuco (+18.062) e Piauí (+14.805).
- Nordeste registra menor inflação entre as Regiões do Brasil:** Na Região Nordeste, o IPCA de setembro foi +0,11%, -0,26 p.p. abaixo da taxa de +0,37%, registrada no mês anterior. No ano, o IPCA acumula alta de +3,38%. Em doze meses, o Nordeste (+5,08%) registra a menor inflação entre as Regiões do Brasil, seguida pelo Centro-Oeste (+5,13%).

Projeções Macroeconômicas - Boletim Focus - Séries de Expectativas de 13/10/2023

Mediana - Agregado – Período	2023	2024	2025	2026
IPCA (%)	4,65	3,87	3,50	3,50
PIB (% de crescimento)	2,90	1,50	1,90	2,00
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	5,00	5,05	5,10	5,19
Meta Taxa Selic - fim de período (% a,a)	11,75	9,00	8,50	8,50
IGP-M (%)	-3,56	4,00	4,00	4,00
Preços Administrados (%)	9,68	4,20	3,97	3,50
Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-39,70	-51,00	-51,60	-52,55
Saldo da Balança Comercial (US\$ Bilhões)	74,35	61,80	58,30	59,50
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	79,40	80,00	81,60	80,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	60,60	63,90	65,85	67,40
Resultado Primário (% do PIB)	-1,10	-0,75	-0,55	-0,40
Resultado Nominal (% do PIB)	-7,50	-6,80	-6,20	-5,85

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Allisson David de Oliveira Martins. Equipe Técnica: Adriano Sarquis Bezerra de Menezes, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wellington Santos Damasseno. Célula de Gestão de Informações Econômicas. Gerente Executivo: Marcos Falcão Gonçalves. Equipe Técnica: Projeto Gráfico/Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho, Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: Jose Wilker de Sousa Martins. Jovem Aprendiz: Alexandre de Oliveira do Nascimento e Isabelle Iorranna Braga da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Indústria do Rio Grande do Norte mantém liderança nacional

A indústria da área de atuação do BNB, com disponibilidade de dados para 7 estados, registrou crescimento em 4 deles, na taxa acumulada de janeiro a agosto de 2023: Rio Grande do Norte (14,3%), Espírito Santo (6,8%), Minas Gerais (4,4%), e Pernambuco (0,6%). Apresentaram redução: Maranhão (-3,5%), Bahia (-4,1%) e Ceará (-7,0%), único, dentre estes, que recuou abaixo da média da Região Nordeste (-4,4%). Os dados são da pesquisa industrial mensal do IBGE.

A indústria do Rio Grande do Norte que vem crescendo, praticamente, durante todo o ano, frente a iguais meses de 2022 (7º mês seguido), teve, pela terceira vez consecutiva, o melhor desempenho nacional, em agosto (49,8%). Apresentou também a maior taxa de crescimento do País no acumulado de janeiro a agosto (14,3%). Conforme análise do IBGE, este grande avanço pode ser explicado pela baixa base de comparação, assim como pelo comportamento positivo da indústria de transformação (27,2%), onde todas as atividades registraram avanço: derivados do petróleo (32,6%), alimentos (16,9%) e confecções (7,5%). No entanto, teve perdas na indústria extrativa (-26,6%).

Também se destacou a indústria do Espírito Santo que, em agosto de 2023 ficou na vice-liderança (26,3%), crescendo pelo 4º mês seguido, frente a igual mês do ano passado. No acumulado do ano, a indústria em geral avançou 6,8%. Neste caso, graças à indústria extrativa (16,8%), já que houve recuo na indústria de transformação (-8,0%) e em todas as suas atividades.

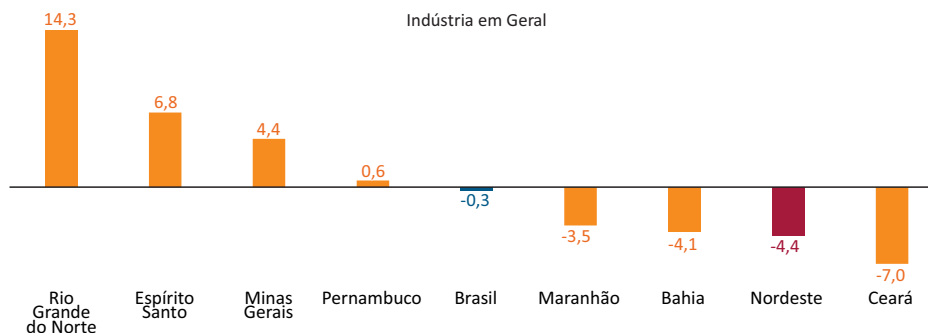
Minas Gerais apresentou taxa positiva em todos os meses do ano, acumulando crescimento de 4,4%, distribuído entre indústria extrativa (8,3%) e de transformação (3,0%). Nesta, avançou em 9 das 13 atividades, com destaque para derivados do petróleo (10,7%) e veículos (9,7%).

Registrando 4 meses seguidos de taxas positivas, Pernambuco avançou no acumulado do ano refletindo apenas a indústria de transformação (0,6%). Destacaram-se: derivados do petróleo (18,3%) e veículos (1,2%). Dentre as atividades que reduziram a produção, estão alimentos (-5,3%) e produtos químicos (-12,1%).

O Ceará, na comparação interanual, apresentou o 5º mês seguido de taxa negativa, e o recuo mais intenso do País no acumulado do ano (-7,0%). Cresceu em alimentos (1,1%), bebidas (4,1%) e derivados do petróleo (0,4%), mas recuou em 7 das 11 atividades, dentre elas, metalurgia (-14,0%), confecção e acessórios (-24,5%) e minerais não metálicos (-10,0%).

Tanto o Maranhão (-3,5%) quanto a Bahia (-4,1%) acumularam retrações no ano, bastante influenciadas pela indústria extrativa (-9,5% e -28,8%, respectivamente), além dos recuos mais amenos na de transformação (-2,6% e -2,2%, respectivamente). Ambos registraram crescimento em alimentos (8,6% e 13,6%, respectivamente). Contudo, o Maranhão teve forte queda em metalurgia (-11,1%) e a Bahia, em produtos químicos (-11,6%) e derivados do petróleo (-2,8%), atividades de peso nos respectivos estados.

Gráfico 1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e estados da área de atuação do BNB – acumulado janeiro-agosto de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE.

Tabela 1 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades – Brasil, Nordeste e estados da área de atuação do BNB – acumulado de janeiro a agosto de 2023 (Base: igual período do ano anterior).

	Brasil	Nordeste	Maranhão	Ceará	Rio Grd do Norte	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Indústria geral	-0,3	-4,4	-3,5	-7,0	14,3	0,6	-4,1	4,4	6,8
Indústrias extrativas	5,7	-38,0	-9,5	-	-26,6	-	-28,8	8,3	16,8
Indústrias de transformação	-1,3	-2,1	-2,6	-7,0	27,2	0,6	-2,2	3,0	-8,0
Produtos alimentícios	3,6	5,7	8,6	1,1	16,9	-5,3	13,6	0,4	-0,9
Bebidas	-0,4	0,6	-1,5	4,1	-	0,0	1,4	-2,4	-
Produção de fumo	4,3	-	-	-	-	-	-	2,8	-
Produtos têxteis	-1,4	-1,6	-	26,5	-	-	-	-	-
Confeção de vestuário e acessórios	-8,7	-12,4	-	-24,5	7,5	-	-	-	-
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-2,4	2,6	-	-3,2	-	-	9,5	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	-13,9	-4,0	4,3	-	-	-7,4	-7,8	10,9	-1,9
Coque, derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,0	-0,4	-	0,4	32,6	18,3	-2,8	10,7	-
Produtos químicos	13,9	-12,5	-	-30,2	-	-12,1	-11,6	-15,2	-
Produtos de borracha e de material plástico	3,9	2,9	-	-	-	-0,2	-3,1	19,7	-
Produtos de minerais não metálicos	-7,8	-16,1	-4,2	-10,0	-	-34,3	-4,1	-4,3	-16,7
Metalurgia	8,1	-3,1	-11,1	-14,0	-	0,6	-1,3	1,2	-7,4
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0,9	-24,8	-	-33,6	-	-16,5	-	8,7	-
Máquinas, aparelhos, materiais elétricos	-7,5	-13,8	-	-7,4	-	44,5	-20,0	-0,9	-
Máquinas e equipamentos	-3,0	-	-	-	-	-	-	12,6	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-3,0	6,8	-	-	-	1,2	-	9,7	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-12,1	-	-	-	-	87,9	-	-	-

Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE.

Paraíba (+19,1%), Alagoas (+56,3 %) e Sergipe (+92,1%) registraram crescimento nas exportações no período janeiro a setembro/23.

As exportações da Paraíba somaram US\$ 124,5 milhões e as importações alcançaram US\$ 719,5 milhões, no acumulado até setembro. Comparativamente a mesmo período de 2022, as vendas externas aumentaram em 19,1% (+US\$ 20,0 milhões), impulsionadas pelas vendas da Indústria Extrativa (+97,6%, +US\$ 8,0 milhões) e da Indústria de Transformação (+12,3%, +US\$ 11,3 milhões). O destaque foi o aumento de 845,9% (+US\$ 17,3 milhões) nas vendas de Açúcares e melaços, antes exportado por Pernambuco. Por outro lado, as importações decreram 12,5% (-US\$ 102,6 milhões), devido, principalmente, à queda nas aquisições de Combustíveis e Lubrificantes (-59,2%, -US\$ 149,8 milhões).

Em Alagoas, as exportações alcançaram US\$ 569,8 milhões, de janeiro a setembro de 2023, registrando aumento de 56,3% (+US\$ 205,3 milhões), relativamente ao mesmo período de 2022. As vendas dos produtos da Indústria Extrativa (+61,4%, +US\$ 58,7 milhões) e Indústria de Transformação (+54,7%, +US\$ 143,8 milhões) registraram crescimento, com destaque para o incremento das exportações de Minérios de cobre e seus concentrados (+61,4%, +US\$ 58,7 milhões) e Açúcares e melaços (+66,1%, +US\$157,9 milhões). Já as importações somaram US\$ 508,0 milhões, com decréscimo de 13,1% (-US\$ 76,7 milhões). Enquanto as importações de Bens Intermediários decresceram 37,7% (-US\$ 105,7 milhões), as de Bens de Consumo aumentaram 24,8% (+US\$ 28,8 milhões).

Sergipe exportou US\$ 177,9 milhões, no período em foco, valor 92,1% (+US\$ 85,3 milhões) superior ao total registrado em jan-set/22. Esse resultado decorreu, principalmente, das vendas de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (US\$ 64,9 milhões) da Indústria Extrativa, com a retomada da exploração do petróleo no município de Carmópolis. Na agropecuária, o destaque foram as vendas de Milho não moído, exceto milho doce (US\$ 12,3 milhões) e na indústria de transformação, Sucos de frutas (laranja) (US\$ 71,8 milhões). As importações totalizaram US\$ 199,4 milhões, com decréscimo de 38,4% (-US\$ 124,3 milhões), no período de janeiro a setembro de 2023 frente a janeiro a setembro de 2022. Nesse período comparativo, regrediram as aquisições de Bens Intermediários (-22,1%, -US\$ 32,7 milhões) e Combustíveis e Lubrificantes (-60,2%, -US\$ 92,9 milhões).

Dos estados da Região, Bahia (+US\$ 1.048,0 milhões), Piauí (+US\$ 911,1 milhões), Maranhão (+US\$ 560,2 milhões), Alagoas (+US\$ 61,7 milhões) e Rio Grande do Norte (+US\$ 13,7 milhões) registraram saldo positivo na balança comercial, no acumulado do ano até setembro. Os demais apresentaram déficits: Pernambuco (-US\$ 3.806,5 milhões), Ceará (-US\$ 908,5 milhões), Paraíba (-US\$ 595,1 milhões) e Sergipe (-US\$ 21,5 milhões).

Tabela 1 – Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - Jan-set/2023/2022 - US\$ milhões FOB

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var. % Jan-set/2023/Jan-set/2022	Valor	Part. (%)	Var. % Jan-set/2023/Jan-set/2022	
Maranhão	4.178,3	23,5	-8,1	3.618,1	17,7	-39,0	560,2
Piauí	1.259,9	7,1	-2,7	348,8	1,7	104,8	911,1
Ceará	1.536,5	8,7	-18,0	2.445,0	11,9	-38,2	-908,5
R G do Norte	516,2	2,9	-7,9	502,5	2,5	62,3	13,7
Paraíba	124,5	0,7	19,1	719,5	3,5	-12,5	-595,1
Pernambuco	1.555,4	8,8	-13,1	5.361,8	26,2	-8,7	-3.806,5
Alagoas	569,8	3,2	56,3	508,0	2,5	-13,1	61,7
Sergipe	177,9	1,0	92,1	199,4	1,0	-38,4	-21,5
Bahia	7.823,9	44,1	-26,3	6.775,9	33,1	-24,7	1.048,0
Nordeste	17.742,3	100,0	-16,5	20.479,1	100,0	-24,1	-2.736,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MIDC (coleta de dados realizada em 13/10/2023).

Tabela 2 – Nordeste e Estados - Principais produtos exportados e importados- - Em %– Jan-set/2023

Estados/ Nordeste	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Soja (45,9%), Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (16,9%), Celulose (10,8%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (64,7%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (20,0%), Elementos químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogêneos (4,3%)
Piauí	Soja (78,0%), Milho não moído, exceto milho doce (12,5%), Farelos de soja (4,1%)	Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (47,5%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados, ou revestidos (11,5%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos (9,7%)
Ceará	Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (53,5%), Calçados (13,2%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (6,4%)	Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (13,9%), Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (12,2%), Trigo e centeio, não moídos (6,8%)
Rio Grande do Norte	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (52,0%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (19,8%), Tecidos de algodão, telas (5,4%)	Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (32,2%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (18,6%), Trigo e centeio, não moídos (8,6%)
Paraíba	Calçados (42,2%), Açúcares e melaços (15,6%), Álcoois, fenóis, fenóis-álcoois, e seus derivados (10,7%)	Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (13,4%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (13,3%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (11,9%)
Pernambuco	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (29,4%), Veículos automóveis de passageiros (20,9%), Açúcares e melaços (9,3%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (29,8%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (8,0%), Propano e butano liquefeito (7,1%)
Alagoas	Açúcares e melaços (69,6%), Minérios de cobre e seus concentrados (27,1%), Tabaco em bruto (1,2%)	Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (6,0%), Outros minerais em bruto (4,9%), Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (4,7%)
Sergipe	Sucos de frutas ou de vegetais (40,4%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (36,5%), Milho não moído, exceto milho doce (6,9%)	Gás natural, liquefeito ou não (30,8%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (20,1%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (12,4%)
Bahia	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (20,4%), Soja (20,4%), Celulose (11,5%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (27,0%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (26,9%), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (8,9%)
Nordeste	Soja (25,3%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (13,3%), Celulose (7,6%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (29,8%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (9,4%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (7,2%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MIDC (coleta de dados realizada em 13/10/2023).

FMI projeta desaceleração do crescimento econômico mundial

De acordo com o Relatório World Economic Outlook – WEO, de Outubro de 2023, produzido pelo Fundo Monetário Internacional - FMI, o crescimento global deverá cair de 3,5 por cento em 2022 para 3,0 por cento em 2023 e 2,9 por cento em 2024, mas com consideráveis diferenças nas trajetórias de crescimento das principais economias. As projeções apontam para um bom desempenho da economia americana e revisões para baixo quanto ao desempenho das economias Chinesa e países da Euroárea.

As estimativas de crescimento global médio para 2023–24 estão em torno de 3,0%, abaixo da média histórica anual (2000-19) de expansão do PIB mundial (3,8%), indicando que as perspectivas para os países alcançarem padrões de vida mais elevados são muito fracas. A atividade econômica mundial ainda está aquém do seu caminho pré-pandêmico, especialmente em mercados emergentes e economias em desenvolvimento, cujas previsões indicam uma redução na taxa média de crescimento de 4,1% em 2022 para 4,0% em 2023 e 2024. Para as economias avançadas, a desaceleração esperada cai de 2,6%, em 2022, para 1,5% em 2023 e 1,4% em 2024, em um contexto de crescimento mais forte do que o esperado da economia americana, mas crescimento mais fraco do que o esperado na área do Euro.

De acordo com o Relatório do FMI, dentre os fatores que explicam essa desaceleração econômica global, alguns refletem as consequências da pandemia a longo prazo, a guerra entre Rússia e Ucrânia e o aumento da fragmentação geoeconômica. Outros são de natureza cíclica, destacando-se os efeitos do aperto da política monetária necessário para reduzir a inflação, a retirada do apoio fiscal em um contexto de dívida elevada e os fenômenos climáticos extremos. Convém ressaltar que o Relatório não considerou os possíveis impactos econômicos da guerra recente entre Israel e o Hamas, no Oriente Médio, cujos desdobramentos poderão afetar os mercados globais, mas ainda não são previsíveis.

O cenário atual, portanto, é marcado por grandes divergências em termos de crescimento econômico. As projeções, no entanto, são cada vez mais consistentes com um cenário de “pouso suave”, no qual se reduz a inflação sem uma grande desaceleração da atividade econômica. A recuperação tem sido mais forte nas economias avançadas, como ocorreu nos EUA, onde se estima que o PIB em 2023 exceda a trajetória pré-pandemia. Na área do euro a recuperação tem sido mais lenta, por conta da maior exposição à guerra na Ucrânia e ao choque adverso dos termos de troca associado a esse evento, bem como ao aumento nos preços da energia.

A economia chinesa, por sua vez, em 2023, vem apresentando desaceleração econômica ao longo do ano, com a taxa de crescimento econômico baixando de 8,9% no primeiro trimestre de 2023 para 4,0% no segundo trimestre. Para este ano, as projeções do FMI indicam um crescimento de 5,0% em 2023 e de 4,2% em 2024. Apesar da folga econômica e a inflação baixa, a crise no setor imobiliário está se espalhando para grandes empresas do setor, apesar das políticas de estímulos governamentais. As empresas imobiliárias vêm enfrentando graves restrições de financiamento, impedindo-as de vender casas pré-vendidas. Essa situação está minando a confiança do comprador residencial e prolongando a recessão do setor imobiliário. Ao lado disso, os custos dos investimentos e dos imóveis continuam a diminuir, prejudicando as receitas dos governos locais provenientes da venda de terras e fragilizando as finanças públicas.

Nesse cenário de desaceleração da economia global, o Brasil crescerá mais do que a média mundial, pois o Relatório do FMI projeta um crescimento de 3,1% do PIB, em 2023, e 1,5% em 2024. Segundo a Instituição, três fatores principais explicam essa melhoria das estimativas econômicas para o Brasil: o desempenho do agronegócio brasileiro e dos serviços, principalmente no primeiro semestre do ano, acompanhado da expansão dos gastos com consumo das famílias, decorrentes de estímulos fiscais, e do governo. Alguns riscos, no entanto, podem fragilizar essas projeções do FMI, como a inflação persistente e o endividamento das famílias, juntamente com a falta de espaço fiscal para gastos prioritários.

De acordo com o FMI, o Brasil e o Chile estão entre as economias latino-americanas que mais têm flexibilizado a política monetária, após o aperto de juros ocorrido nos últimos dois anos. Para a América Latina e o Caribe, o Fundo Monetário elevou a previsão de crescimento de 1,9% para 2,3%, apoiado principalmente pela recuperação do preço das commodities.

Com relação à inflação, o relatório trimestral do FMI destaca que a taxa básica mundial continuará a desacelerar. Em 2023, o valor será de 5,9%, segundo a previsão, bem menor do que o índice de 2022 (9,2%). Para 2024, o FMI estima uma inflação de 4,8%. Declara, também, que a maioria dos países não deve retornar aos índices registrados antes da pandemia até 2025. Esse cenário evidencia que as políticas monetárias restritivas adotadas globalmente pelos bancos centrais para restaurar a estabilidade de preços foram bem-sucedidas.

Apesar dessa evolução satisfatória do nível preços, aproximando a inflação para as metas estabelecidas, alguns Bancos Centrais, como o Banco do Canadá, Banco da Inglaterra, Banco Central Europeu e o Federal Reserve aumentaram as taxas em julho último. O Banco do Japão continuou com a flexibilização monetária, mas em julho, também sinalizou para uma conduta mais restritiva, com elevação da taxa de juros. A maior exceção a esse padrão é a China, onde a inflação global é moderada e abaixo da meta estabelecida e o Banco Popular da China reduziu as taxas de juros em junho e agosto.

O Relatório inclui também uma declaração da Direção do FMI, na qual afirma que a inflação subjacente global permanece persistente, diminuindo apenas lentamente. Por conta disso, sugere que os países mantenham a política monetária restritiva, adaptada às suas circunstâncias, até que a inflação caia de forma sustentável e atinja a meta. Ressaltam, também, a necessidade de uma comunicação clara e transparente para evitar uma desancoragem das expectativas de inflação.

A Direção do FMI destaca, ainda, a necessidade de um controle gradual da política fiscal, uma vez que muitos países enfrentam situação de déficit e dívida elevados. O FMI reconhece que a estabilidade de preços cabe aos bancos centrais, mas é importante seguir essa orientação fiscal para aliviar ainda mais a inflação, reduzindo a procura agregada e reforçando a credibilidade global das estratégias de desinflação. Do lado das receitas, o FMI sugere uma melhoria na estrutura de arrecadação dos países, bem como obtenção de ganhos de eficiência nos gastos para ajudar a restaurar algum espaço fiscal, de forma a resguardar algumas políticas específicas para proteger os mais vulneráveis.

Como conclusão, o Relatório traça perspectivas para o crescimento sustentado, uma vez que a inflação global está diminuindo. Mas os desafios permanecem, pois a inflação subjacente ainda está elevada na maioria dos países e pode facilmente persistir nesse patamar, e o espaço orçamentário para investimentos estratégicos é limitado em muitos casos, especialmente em países de renda baixa e média, sobrecarregados com dívidas insustentáveis. Para as economias emergentes e economias em desenvolvimento, o FMI sugere priorizarem as reformas necessárias para melhoria do lado da oferta.

Tabela 1 – Estimativas da Taxa Média Anual de Crescimento do PIB Real, 2022 - 2024

PAÍSES	2022	PROJEÇÕES	
		2023	2024
PIB Mundial	3,5	3	2,9
Economias Avançadas	2,6	1,5	1,4
Estados Unidos	2,1	2,1	1,5
Área do Euro	3,3	0,7	1,2
Alemanha	1,8	-0,5	0,9
França	2,5	1	1,3
Itália	3,7	0,7	0,7
Espanha	5,8	2,5	1,7
Reino Unido	4,1	0,5	0,6
Canada	3,4	1,3	1,6
Outras Economias Avançadas	2,6	1,8	2,2
Mercados emergentes e Economias em Desenvolvimento	4,1	4	4
Economias Emergentes e em Desenvolvimento da Ásia	4,5	5,2	4,8
China	3	5	4,2
India	7,2	6,3	6,3
Economias Emergentes e em Desenvolvimento da Europa	0,8	2,4	2,2
Rússia	-2,1	2,2	1,1
Economias Emergentes e em Desenvolvimento da América Latina e Caribe	4,1	2,3	2,3
Brasil	2,9	3,1	1,5
México	3,9	3,2	2,1

Fonte: FMI - World Economic Outlook, Outubro de 2023

Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauí foram os maiores geradores de emprego no segmento MPE no Nordeste no acumulado de 2023

No acumulado de janeiro a agosto de 2023, foram gerados +1.388.062 novos empregos formais no País. Desse total, as Micro e Pequenas Empresas (MPE) foram responsáveis pela formação de +988.238 empregos, o que representa 71,2% do emprego total gerado em território nacional. Enquanto, as Médias e Grandes Empresas (MGE) participaram, em média, com 17,8%, ou seja, saldo de +247.577 novas contratações no País, segundo dados do Caged.

No mesmo período, o Nordeste promoveu a formação de +196.806 empregos gerados com carteira assinada. Desse total, as Micro e Pequenas Empresas (MPE) possibilitaram a geração de +179.041 novos postos de trabalho com carteira assinada. Enquanto, as Médias e Grandes Empresas (MGE) reduziram o estoque de emprego em -7.205 postos de trabalho, no acumulado de 2023. No mesmo período, para a Administração Pública, o saldo de empregos foi positivo, com formação de 14.965 novos postos de trabalho na Região.

No acumulado de janeiro a agosto de 2023, verificou-se que o saldo de emprego gerado pelas Micro e pequenas empresas (MPE) aumentou o estoque de trabalho em todas as Unidades Federativas do Nordeste. Entre os Estados, Bahia (+47.715), Ceará (+30.262), Pernambuco (+18.062) e Piauí (+14.805) foram os que mais ampliaram o nível de emprego na categoria das MPE's. Estes estados representam cerca de 67,7% do saldo líquido gerados na Região no 1º semestre de 2023 (Tabela 1).

Tabela 1 – Estados do Nordeste: Ranking dos saldos de empregos gerados pelos Pequenos Negócios – Agosto e acumulado de janeiro a agosto de 2023

Nordeste e Estados	Agosto de 2023			Acumulado de 2023		
	Saldo de emprego	Participação (%)	Posição	Saldo de emprego	Participação (%)	Posição
Bahia	8.654	24,4%	1º	47.715	26,7%	1º
Ceará	7.722	21,8%	2º	30.262	16,9%	3º
Pernambuco	6.203	17,5%	3º	28.475	15,9%	2º
Piauí	2.439	6,9%	6º	14.805	8,3%	4º
Maranhão	2.644	7,5%	5º	14.442	8,1%	5º
Rio Grande do Norte	2.228	6,3%	7º	13.952	7,8%	6º
Paraíba	2.772	7,8%	4º	12.662	7,1%	7º
Sergipe	1.786	5,0%	8º	8.634	4,8%	8º
Alagoas	1.016	2,9%	9º	8.094	4,5%	9º
Nordeste	35.464	100,0%		179.041	100,0%	

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged e Sebrae (2023).

Setorialmente, o segmento das Micro e Pequenas empresas no Nordeste registraram saldo de empregos positivo em todas as sete atividades econômicas, no acumulado de 2023. Entre os setores, destaca-se Serviços, no saldo líquido de emprego, formando +88.573 novos postos de trabalho, representando cerca de 49,4% dos empregos gerados pelas MPE na Região. Na sequência, Construção formou +41.231 novos empregos, e; por seguinte, Comércio, com formação de 27.108 novos empregos formais. Os demais setores também registraram saldo líquido positivo para o período em análise. Vale salientar que o saldo de emprego dos setores de Serviços, Construção, Comércio, Indústria de Transformação e Agropecuária foi positivo em todas as Unidades Federativas da Região, como se observa na Tabela 2.

Sobre a importância de Serviços na formação da estrutura da mão de obra produtiva na Região, percebe-se que o padrão de representatividade de geração de empregos por Serviços nos segmentos de MPE se estende em praticamente em todos os Estados da Região, Conforme Tabela 2. Além do setor de Serviços, Construção segue como segundo maior gerador de empregos entre os estados da Região, com exceção em Maranhão e Pernambuco.

Entre os novos empregos formados no segmento MPE, o setor de Serviços obteve maiores resultados na

Bahia (+25.492), em Pernambuco (+17.741), Ceará (+13.490) e Maranhão (+7.557). De forma semelhante, a geração de empregos do segmento MPE no setor da Construção se sobressaiu na Bahia (+10.308), Ceará (+8.930), Rio Grande do Norte (+4.485) e Piauí (+4.586).

Tabela 2 – Estados do Nordeste: Saldo de Empregos gerados pelos Pequenos Negócios, por atividade econômica - Acumulado de janeiro a agosto de 2023

Grupamento das Atividades Econômicas por Estado do Nordeste	MPE									
	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	NE
Agropecuária	826	899	332	585	38	866	198	155	1.792	5.691
Comércio	3.352	2.565	4.510	1.917	2.769	3.931	1.238	1.133	5.693	27.108
Construção	1.964	4.586	8.930	4.835	3.657	3.128	1.921	1.902	10.308	41.231
Ind. Extrativa Mineral	101	104	-55	340	-3	57	48	49	355	996
Ind. de Transformação	585	927	2.580	847	229	2.760	1.120	1.062	3.865	13.975
Serviços	7.557	5.504	13.490	4.973	5.993	17.741	3.507	4.316	25.492	88.573
S.I.U.P.	57	220	475	455	-21	-8	62	17	210	1.467
Nordeste	14.442	14.805	30.262	13.952	12.662	28.475	8.094	8.634	47.715	179.041

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged e Sebrae (2023).

Nordeste registra menor inflação entre as Regiões do Brasil

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA de setembro teve alta de 0,26%, 0,03 ponto percentual (p.p.) acima da taxa de 0,23% registrada em agosto. No ano, o IPCA acumula alta de 3,50% e, nos últimos 12 meses, de 5,19%, acima dos 4,61% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em setembro de 2022, a variação havia sido de -0,29%. Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, seis tiveram alta no mês de setembro. O maior impacto positivo (0,29 p.p.) e a maior variação (1,40%) vieram de Transportes, seguido por Habitação (0,47% e 0,07 p.p.). No lado das quedas, destaca-se o grupo Alimentação e bebidas, que caiu pelo quarto mês consecutivo (-0,71% e -0,15 p.p.). Os demais grupos ficaram entre o -0,58% de Artigos de residência e o 0,45% de Despesas pessoais.

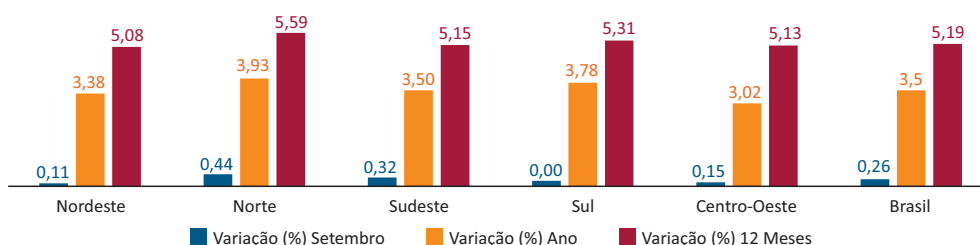
Na Região Nordeste, o IPCA foi +0,11%, -0,26 p.p. acima da taxa de +0,37%, registrada no mês anterior. No ano, o IPCA acumula alta de +3,38% e, nos últimos 12 meses terminados em setembro, +5,08%, acima dos +4,55% registrados em agosto. Em setembro de 2022 o índice regional foi de -0,29%.

Na variação em setembro, São Luís (+0,50%) tem o maior IPCA. Goiânia foi a única capital pesquisada com variação negativa (-0,11%). As outras capitais nordestinas estão um pouco acima de Goiânia, Salvador e Recife (+0,05%, cada), Aracaju (+0,08%) e Fortaleza (+0,13%). Aracaju (+3,95%) tem o 2º maior IPCA no ano, e Fortaleza (+3,76%) é a 5ª colocada. Nos 12 meses, terminados em setembro, Recife (+5,67%) tem o 3º maior IPCA, seguido por Aracaju (+5,37%, 6º maior IPCA). São Luís (+4,02%), tem o segundo menor IPCA. Em doze meses, o Nordeste (+5,08%) tem o menor IPCA, seguida pelo Centro-Oeste (+5,13%).

No ano, no índice regional, os principais impactos são dos grupos Habitação (+4,2% e impacto de +0,6 p.p.), Transportes (+6,7% e impacto de +1,3 p.p.), Saúde e cuidados pessoais (+ 5,8% e impacto de +0,8 p.p.) e Educação (+8,2% e impacto de +0,5 p.p.). Nestes grupos, os principais aumentos são da energia elétrica residencial (+11,8%), gasolina (+18,2%), planos de saúde (+9,1%) e cursos regulares, que aumentaram, em média +9,5%. Quem puxou o aumento em energia, foi Salvador (+19,3%), que tem o maior peso relativo. As variações nas outras capitais ficaram entre +2,0% (Aracaju) e +15,6% (São Luís).

Em doze meses, terminados em setembro, os impactos dos grupos Habitação (+6,0% e impacto de 0,9 p.p.), Transportes (+8,1% e +1,5 p.p.) e Saúde e cuidados pessoais (+9,1% e impacto de 1,3 p.p.), representam 72,7% do IPCA regional. Associando-se o grupo Educação, a representação vai para 83,0%. No primeiro, as principais variações são da energia elétrica residencial (+16,4%) e aluguel e taxas (+5,8%). Veículo próprio (+5,1%), transporte público (+4,5%) e gasolina (+18,4%), são os destaques em Transportes. Em Saúde e cuidados pessoais, os maiores aumentos vêm de planos de saúde (+13,4%), higiene pessoal (+9,4%) e produtos farmacêuticos (+6,7%). Em Educação, os cursos regulares (pré-escola, ensino fundamental e ensino médio), cresceram, em média, +10,1%.

Gráfico 1 – IPCA (%) – Brasil e Regiões – Setembro 2023, ano e em 12 Meses terminados em setembro de 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

Tabela 1 – IPCA (%) e Impactos por Grupo Pesquisado (p.p) – Nordeste e Capitais pesquisadas, na Região – 12 meses, terminados em setembro de 2023

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luis	Nordeste	Brasil
Índice Geral (%)	5,32	5,67	4,79	5,37	4,02	5,08	5,19
Alimentação e Bebidas - p.p.	0,25	0,34	-0,00	0,09	-0,21	0,12	0,18
Habituação - p.p.	0,56	0,86	1,11	0,31	0,79	0,86	0,80
Artigos de Residência - p.p.	-0,00	-0,03	-0,07	-0,07	-0,09	-0,05	-0,01
Vestuário - p.p.	0,35	0,29	0,31	0,37	0,31	0,32	0,28
Transportes - p.p.	2,12	1,88	0,97	1,61	1,40	1,51	1,59
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	1,13	1,36	1,42	1,68	1,06	1,32	1,16
Despesas Pessoais - p.p.	0,27	0,28	0,44	0,62	0,41	0,37	0,55
Educação - p.p.	0,59	0,55	0,49	0,62	0,38	0,52	0,48
Comunicação - p.p.	0,05	0,13	0,12	0,14	-0,02	0,10	0,16

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023)

Agenda

Próximas Divulgações

segunda-feira, 30 de outubro de 2023

Relatório Focus

Estatísticas fiscais

Sondagem do Comércio - Outubro/2023

IGP-M e os componentes: IPA-M e IPC-M - Outubro/2023

Sondagem de Serviços - Outubro/2023

terça-feira, 31 de outubro de 2023

Reunião do Copom

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Mensal

Indicador de Incerteza da Economia Brasil (IIE-Br) - Outubro/2023

quarta-feira, 1 de novembro de 2023

Reunião do Copom

Pesquisa Industrial Mensal: Produção Física - Brasil

IPC-S Capitais – 4ª quadrissemana - Outubro/2023

Índice de Confiança Empresarial (ICE) - Outubro/2023

IPC-S – 4ª quadrissemana - Outubro/2023

Informe Macroeconômico

30/10 a 03/11/2023 - Ano 3 | Nº 117

